

Voz única em canções marcantes, como 'Timor'

MEMÓRIA Luís Represas, cofundador dos Trovante, morreu ontem, aos 69 anos. Rui Veloso recorda o "homem bom" e Nuno Galopim o artista "inquieto em busca de motivos para continuar a fazer canções". O governo de Timor-Leste lembrou "o amigo de longa data". Para Seguro, "partiu o homem, ficou a voz".

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO E SUSETTE HENRIQUES**



O s Trovante terminaram em 1992, mas ainda no passado mês de março encheram duas das maiores salas de espetáculos do país, em Lisboa e no Porto, em quatro apresentações que marcaram os 50 anos desde a criação da banda. Concertos esgotados que revelam o impacto do grupo criado por Luís Represas, João Gil, Manuel Faria, Artur Costa e João Nuno Represas – a que se juntariam Fernando Júdice, José Salgueiro e José Martins –, na memória coletiva nacional, com canções como *Perdidamente*, *125 Azul*, *Balada das Sete Saias*, *Saudade* ou *Timor*. Luís Represas, que prosseguiu uma carreira a solo quando os Trovante acabaram, morreu ontem, aos 69 anos, vítima de doença prolongada, mas continuou a subir ao palco quase até ao fim da vida.

“O Luís gostou imenso de rever os Trovante, ele falou-me disso. Não nos podemos esquecer de que o Trovante é o seu ADN. O Luís nasceu dali e fez o seu caminho. E ele fez questão de dizer isso, porque tinha memória”, diz ao DN Flávio Serpa, da agência A-MA, que trabalhou com Represas ao longo de 30 anos. O artista tinha agendados para abril de 2027 concertos nos Coliseus de Lisboa e Porto para comemorar meio século da sua carreira a solo.

Para Luís Represas, o palco era um espaço sagrado, um verdadeiro “altar”, como afirmou em 2024 no *podcast Posto Emissor*. Flávio Serpa confirma a dedicação do músico à sua arte. “O Luís esteve ativo até ao último concerto que deu em Sintra, no dia 15 de maio. Ele foi muito corajoso, sempre foi, mesmo quando tinha um outro problema menos grave, ele nunca deixou de subir ao palco. Eu nunca cancelei um espetáculo do Luís. Poderíamos ter chuva, mas fazíamos sempre o espetáculo. O Luís cantava, tocava à chuva, fazia tudo brilhantemente. Ele foi um lutador, um corajoso e adorava estar em palco. Foi corajoso até ao final”, diz Flávio Serpa, para quem a palavra

que melhor o define é “coerência”. “E no meio da música e até na própria vida, uma das qualidades mais difíceis de manter é a coerência, e o Luís sempre a manteve. Coerência, aqui, também se traduz em equilíbrio. Equilíbrio nas relações, equilíbrio na forma como vê o mundo, equilíbrio na forma como se relaciona com as pessoas. E, normalmente, quando uma pessoa é coerente, existem os dois lados. Há uns que compreendem isso e outros que compreendem menos.”

Para Nuno Galopim, o músico “foi alguém que esteve permanentemente inquieto em busca de motivos para continuar a fazer canções”.

Começou com os Trovante dois anos após o 25 de Abril, numa altura em que o país estava ainda em convulsão política e social, pouco depois de surgirem no cenário musical bandas de *rock* emergente portuguesas, como os GNR, UHF, Heróis do Mar ou Taxis, mas com uma diferença. “Os Trovante conseguem criar uma ideia de modernidade para a canção popular portuguesa, não na música elétrica, mas nos espaços da canção de raiz popular, chegando igualmente a uma nova geração de ouvintes. Eles alargam aquilo que o *boom* do *rock* português estava a fazer, trazem uma ideia de modernidade a

“Ele era um amigo muito querido de há muitos anos, de há mais de 40 anos. E isso, para mim, é o que está à frente de tudo. Era uma das pessoas boas que eu conheci na vida. Um homem bom. Estava sempre bem disposto, sempre positivo”, diz Rui Veloso.